

26é **C**ongrés Internacional de Lingüística i Filologia Romàniques **València 2010**

del 6 a l'11 de setembre de 2010
València, Facultat de Filologia
de la Universitat de València



Enric Solbes



Rolf Kemmler (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Para a Receção da Gramática Geral em Portugal:
a tradução portuguesa da *Grammaire générale* de Nicolas Beauzée

1. Introdução

Quando, há cerca de nove anos, encontrámos o opúsculo manuscrito com a indicação de «Beausee Grammatica», pouco sabíamos da importância gramaticográfica da *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage* (1767), do autor francês Nicolas Beauzée (1717-1789), quer a nível da tradição francesa, quer a nível da sua importância para a escola portuguesa. Ora, tendo os principais aspetos da introdução da *Grammaire générale* na gramaticografia portuguesa sido estudados por Schäfer-Prieß (2001) podemos constatar que a influência explícita e implícita de Beauzée nos gramáticos portugueses das primeiras décadas do século XIX é maciça. Com efeito, se bem que ao longo do estudo magistral de Schäfer-Prieß (2000) bem como na obra mais recente de Santos (2010: 1046) sejam identificadas possíveis influências de Beauzée sobre os gramáticos portugueses até Soares Barbosa (sendo no entanto de notar que as definições do autor francês não tenham sido retomadas com a coerência desejável), a intensificação da preocupação contínua com a *Grammaire générale* nos anos vinte e trinta do século XIX parece-nos justificar a presunção que Beauzée podia ter efeitos sobre a produção gramatical posterior que até agora somente chegou a ser pouco estudada.

Considerando, porém, que ambas as investigadoras tinham que restringir o corpus gramatical devido a considerações de pertinência, devemos constatar que um número considerável de textos metagramaticais teve de ser excluído deste estudo por as obras não se enquadrarem dentro da definição necessariamente estreita da «gramática propriamente dita» no sentido de Kemmler (2007: 378) e Schäfer-Prieß (2000: 1). As mesmas considerações de pertinência levaram Barbara Schäfer-Prieß a desconsiderar as gramáticas manuscritas, escolha imprescindível para quem queira apresentar uma panorâmica da gramaticografia portuguesa impressa. É inegável que as fontes manuscritas tendem a ser menos bem conhecidas, o que se deve, por um lado, à dificuldade geral de acesso a este tipo de material forçosamente raro e único, por outro lado, às dificuldades de leitura que estes textos oferecem aos estudiosos não preparados.

No âmbito dos nossos trabalhos investigativos e editoriais relacionados com os monumentos manuscritos da tradição gramatical latino-portuguesa pretendemos, por isso, apresentar uma tradução inédita de alguns aspetos interessantes do primeiro volume da *Grammaire générale*. Esta tradução parcial foi realizada na primeira metade do século XIX pelo pintor e poeta João Albino Peixoto (1803-1891), natural da ilha de São Miguel (Açores), cujas vida e origens socioculturais tentaremos esboçar a seguir.

2. João Albino Peixoto (1803-1891), tradutor de Beauzée

Dado que as fontes continentais como Silva (1859, III: 283) somente fornecem um número muito reduzido de informações sobre o nosso autor hoje bastante desconhecido, tivemos de recorrer a uma fonte de natureza regional. Assim, a *Enciclopédia Açoriana*, sem explicitar as suas fontes, informa o seguinte:

Peixoto, João Albino [N. Ribeira Grande, 5.8.1803 – m. ibidem, 12.7.1891] Poeta e pintor/dourador. Na oficina do tio, José Caetano da Mota, aprendeu o ofício de ourives, aos doze anos de idade. Em 1819, deixou o mester para se dedicar ao estudo de latim, retórica e filosofia. Dez anos depois, iniciou o estudo de desenho e pintura com Vicente Malio, natural de Roma, que fixou residência durante algum tempo na Ribeira Grande. Após a saída do mestre, foi-lhe passada uma declaração, publicada na imprensa, referindo as suas aptidões. Posteriormente, aprendeu a técnica de dourar e restaurar painéis antigos com dois técnicos parisienses, estabelecidos em Ponta Delgada. A partir de 1846, comprou-lhes a oficina e todos os utensílios. Deixou obra espalhada por várias igrejas da ilha: capelas da igreja de Rabo de Peixe; a capela do Santíssimo da igreja do Rosário da Lagoa; a do Santíssimo da igreja da Conceição, da Ribeira Grande; a do Senhor dos Passos do Colégio, de Ponta Delgada; a de Nossa Senhora da Ajuda, na Bretanha, a de Nossa Senhora dos Prazeres, no Pico da Pedra e a de Nossa Senhora das Dores, em Porto Formoso. Já idoso, em 1865, trabalhou no posto fiscal do porto de Santa Iria da Ribeira Grande (Enes s.d.).

Conseguimos verificar a essência destas informações biográficas no âmbito das nossas investigações biográficas e arquivísticas em São Miguel. Consta para além disso que Peixoto fazia parte da média burguesia ribeira-grandense de então por ser proprietário e eleitor. Tendo casado com D. Maria Ricarda Botelho em 1844, deixou três filhos solteiros aquando da sua morte¹.

De entre o número considerável de opúsculos impressos deixados pelo nosso autor, nenhum deles permite presumir que o autor estivesse interessado em questões linguísticas ou mesmo gramaticais. Ao ser certo, porém, que o jovem João Albino Peixoto se tenha dedicado à sua educação desde 1819 até 1829, tudo leva a crer que não pudesse deixar de adquirir profundos conhecimentos nas humanidades, como era habitual no ensino anterior ao estabelecimento do ensino liceal em Portugal. Dado que a aprendizagem de línguas estrangeiras modernas não fazia parte do currículo da época, fica, no entanto, sem resposta a pergunta relacionada com a origem dos conhecimentos que o nosso tradutor tinha na língua francesa.

Quanto ao manuscrito, os aspetos paleográficos levam a crer que a letra seja de uma pessoa que tenha aprendido a escrever em inícios do século XIX: observa-se uma mistura de alguns traços distintivos de finais do século XVIII, sendo o aspeto paleográfico geral marcadamente oitocentista, isto é, de inícios do século XIX. Além disso, o próprio texto manuscrito permite concluir que o autor, para além de saber português (que obviamente era a língua materna) e francês, também terá tido pelo menos algumas noções das línguas latina e talvez até grega, sem as quais dificilmente poderia ter reproduzido os exemplos naquelas línguas com a exatidão necessária para condizer ao original. Quanto às duas primeiras línguas, encontram-se frequentes citações ao longo dos opúsculos do nosso autor.

A autoria da obra é assumida explicitamente em duas referências dentro da segunda parte não paginada. A primeira referência é feita quando, numa espécie de subtítulo, o tradutor

¹ Para mais informações sobre a vida e a obra de João Albino Peixoto, veja-se Kemmler (2011: 183-193).

atribui a autoria da tradução a si próprio: «Extractos da = Grammaire générale &c. Par M. Beuzée &c... traduzidos por João Albino Peixoto» (Peixoto s.d.: fl. 1 r). Uma afirmação semelhante encontra-se no fim do opúsculo quando o autor afirma: «Traduzio para seu uso João Albino Peixoto» (Peixoto s.d.: fl. 34 r).

Quer a possível inserção da elaboração da tradução no âmbito da formação do autor nos anos vinte do século XIX, quer os aspetos paleográficos, quer ainda a auto-atribuição da tradução pelo próprio João Albino Peixoto, levam-nos a considerar que o manuscrito tenha sido escrito pelo próprio ourives, pintor, dourador e autor miquelense, cujas atividades linguísticas até agora foram ignoradas.² Para além disso, a nossa conclusão vem confirmada através das anotações manuscritas atribuíveis ao próprio autor nos dois opúsculos Peixoto (1859) e Peixoto (1860), bem como na documentação do posto fiscal de Santa Iria que conseguimos consultar na Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Ponta Delgada. A confrontação entre a letra manuscrita no nosso manuscrito e os textos atribuíveis a João Albino Peixoto naquela biblioteca permitem-nos constatar que estes textos deverão ter sido escritos pela mesma pessoa, se bem que em épocas distintas.

3. O manuscrito: estrutura e conteúdo

A tradução intitulada *Beausee Grammatica* consta de vários cadernos no formato 10,2 x 14,5 cm, encadernados em brochura junto com algumas folhas soltas. A capa num papel verde escuro marmorizado contemporâneo contém o título em duas linhas «Beausee / Grammatica» que nos serviu para a referência bibliográfica. A primeira parte de 14 páginas paginadas, intitulada «Da Gramatica [texto que falta] M. Beuzée»,³ consta de um caderno de oito páginas (págs. 1-8) e de três folhas soltas com seis páginas (págs. 9-14). A segunda parte não paginada e intitulada «Extractos da = Grammaire générale &c. Par M. Beuzée &c... traduzidos por João Albino Peixoto (Peixoto s.d.: fl. 1 r)» consta de quatro cadernos de 16 páginas (fólios 1 r – 8 v, 9 r – 16 v, 17 r – 24 v, 25 r – 32 v), aos quais foram adicionadas duas folhas soltas (fólios 32 r – 34 r), apresentando um total de 34 fólios. O manuscrito não é datado e não traz nenhuma indicação relativa à sua procedência, pertencendo atualmente à nossa coleção particular por ter sido adquirido na secção de manuscritos de um alfarrabista em Lisboa cerca de 2002, não se sabendo nada sobre o percurso do manuscrito anteriormente à aquisição.

Uma vez que se trata declaradamente de uma tradução, feita pelo próprio tradutor para fins de uso pessoal, pouco admira que o texto manuscrito nem sempre seja tão regular como seria de esperar, passando, sobretudo na segunda parte não paginada, a apresentar ocasionalmente a característica de um rascunho.

² Por ser um texto manuscrito em posse particular não estranha que Cardoso (1994) não apresente nenhuma referência ao manuscrito ou ao tradutor. É da mesma forma coerente que Santos (2010) não manifesta qualquer conhecimento da tradução parcial de Beuzée para o português.

³ A primeira folha apresenta uma falta redonda de papel no tamanho de 3,2 x 2,1 cm. Dado que este pedaço de papel foi rasgado posteriormente à elaboração do manuscrito, não se pode saber o que teria sido escrito no trecho faltante.

3.1. Beauzée traduzido ou a estrutura de uma tradução parcial

A tradução limita-se ao primeiro tomo de Beauzée (1767) que trata sobretudo de aspetos prosódico-ortográficos e morfológicos. Como se pode verificar no quadro seguinte, o tradutor concentrou os seus esforços ao primeiro livro dedicado aos *Éléments de la Parole*:

	Beauzée (1767)	Peixoto (s. d.)
<i>LIVRE I. Des éléments de la Parole</i>		
<i>PREFACE</i>	v-xlij	1 r - 2 v
INTRODUCTION	1-3	2 v
CHAPITRE. I. <i>Des Voix simples & des lettres Voyelles</i>	3-24	1-3 2 v - 4 r
CHAPITRE II. <i>De l'Hiatus, & des effets qu'il a occasionnés</i>	24-43	4-8 4 r - 4 v
CHAPITRE III. <i>Des articulations & des lettres consonnes</i>	43-90	8-14 4 v - 12 r
CHAPITRE IV. <i>Des Syllabes</i>	91-115	12 r - 15 v
CHAPITRE V. <i>De la Quantité des syllabes</i>	115-133	15 v - 17 v
CHAPITRE VI. <i>De l'Accent des syllabes</i>	134-154	17 v - 18 r
CHAPITRE VII. <i>De la Prosodie des mots</i>	154-166	18 r - 19 r
CHAPITRE VIII. <i>Des Lettres, de l'Alphabet & de l'Orthographe en général</i>	166-199	19 r - 21 v
CHAPITRE IX. <i>De l'assemblage des Lettres, & des manières de lire</i>	199-231	21 v - 23 v
<i>LIVRE II. Des éléments de l'Oraison</i>		
INTRODUCTION	232-234	24 r - 24 v
CHAPITRE. I. <i>Des Noms</i>	235-258	24 v - 26 r
CHAPITRE II. <i>Des Pronoms</i>	258-287	26 r - 27 v
CHAPITRE III. <i>Des Adjectifs</i>	287-391	27 v - 31 v
CHAPITRE IV. <i>Des Verbes</i>	392-513	31 v - 33 r
CHAPITRE V. <i>Des mots supplétifs, qui sont les Prépositions & les Adverbes</i>	514-563	33 v - 33 v
CHAPITRE VI. <i>Des Conjonctions</i>	563-603	33 v - 34 r
CHAPITRE VII. <i>Des Interjections</i>	604-619	

O quadro permite a confirmação que de entre as 14 páginas e 34 fôlios, a maior parte do manuscrito é dedicada aos conteúdos do primeiro livro do gramático francês. As considerações sobre as partes da oração, que constituem a principal parte do primeiro tomo de Beauzée (1767) somente são tratadas no espaço reduzido de dez fôlios. A seguir, faremos uma breve apresentação de alguns trechos relacionados com as partes da oração.⁴

⁴ As características gráficas (ortografia, pontuação) do texto manuscrito serão mantidas. Com a exceção de <&c> para <etcetera>, serão desdobradas quaisquer abreviaturas, sendo o respetivo texto inserido em letras itálicas dentro de parênteses retos. Qualquer intervenção nossa no texto manuscrito será devidamente marcada por parênteses retos []. Texto rasurado encontra-se em chaves { }, sendo identificado como tal quando seja ilegível. Qualquer texto adicionado no texto entrelinhas é sinalizado mediante o uso do chevron <>. Quaisquer negritos dentro de citações serão nossos.

3.2. As partes da oração na tradução de João Albino Peixoto

Após algumas considerações sobre as palavras em como sons físicos, desprovidos de significado, nas quais o texto algo mais detalhado de Beauzée (1767, I: 232) é reproduzido com bastantes reduções por Peixoto (s.d.: fl. 24 r), o tradutor procede a uma tradução do conceito da oração:

Beauzée (1767, I: 233)	Peixoto (s.d: fls. 24 r – 24 v)
L'Oraison, dans le langage des grammairiens, c'est l'exercice actuel de la faculté de la parole appliqué à la manifestation des pensées. Le mot <i>Oraison</i> est tiré immédiatement du latin <i>oratio</i> ; formé d' <i>oratum</i> , supin d' <i>orare</i> ; & <i>orare</i> à une première origine dans le génitif <i>oris</i> du nom <i>os</i> (bouche), qui est le nom de l'instrument organique du matériel de la parole: <i>orare</i> , faire de l'organe de la bouche l'usage naturel pour exprimer sa pensée; <i>oratio</i> (Oraison) l'usage actuel de l'organe de la parole pour l'énonciation des pensées.	A <i>Oração</i> , na linguagem dos gramaticos, é o exercicio actual da faculdade da palavra aplicada á manifestação dos pensamentos. A palavra oração é tirada imediatamente do latim <i>oratio</i> , formada de <i>oratum</i> , supino de <i>orare</i> ; e <i>orare</i> tem uma primeira origem no genitivo <i>oris</i> do nome <i>os</i> (boca), que é o nome do instrumento organico do material da palavra: <i>orare</i> fazendo órgão da <i>boca</i> o uzo natural, para exprimir seu pensamento; <i>oratio</i> (oração) o uzo actual do orgão da palavra para a enunciação dos pensamentos.

De forma evidente, estamos perante uma tradução bastante literal da definição racionalista do conceito de oração, relacionando a língua com os pensamentos como o faz Beauzée.⁵ Na definição do nome, torna-se, porém, óbvio que o tradutor nem sempre considera relevantes os mesmos trechos como nós o entenderíamos hoje no estudo deste grande monumento metalinguístico que é a obra de Beauzée:

Beauzée (1767, I: 235)	Peixoto (s.d: fl. 24 v)
Dès que l'on veut communiquer ses pensées, on se trouve dans l'obligation de faire connoître les êtres qui en sont les objets: on le fait par le moyen des Noms imposés à chaque chose; le Nom les rend reconnoissables, en rappelant à l'esprit l'idée de leur nature: <i>NOMEN dictum quasi NOTAMEN, quod nobis vocabulo suo Notas efficiat; nisi enim NOMEN scieris, cognitio rerum perit.</i> (e)* On peut donc dire que les Noms sont des mots qui expriment déterminément les êtres, en les désignant par l'idée de leur nature.	<i>Nomen dictum quasi Notamen, quod nobis vocabulo suo Notas efficiat; nisi enim nomen scieris, cognitio rerum perit.</i> (Ididor [sic!] hispal.)

*Nota à margem direita: «(e) Isidro. hispal. *Origin*».

Onde Beauzée mantém a sua aproximação racionalista na definição do papel do nome, aproveitando-se da citação de S. Isidoro de Sevilha meramente para explicar o papel do nome com base na etimologia proposta pelo linguista medieval, o tradutor limita-se à reprodução

⁵ Para mais informações sobre o termo de <racionalismo> dentro da gramaticografia francesa e portuguesa, veja-se Schäfer-Prieß (2000: 111-114). Note-se, no entanto, que a ligação estabelecida entre língua e os pensamentos não é unicamente um traço da *Grammaire générale*, encontrando-se considerações afins já na antiguidade clássica com Aristóteles (cf. Figge 1994: 652).

da citação proposta por Beauzée. Como se vê na edição crítica moderna, o gramático alterou a pontuação do texto original, faltando a palavra *res* que foi estabelecida no texto definitivo:

Nomen dictum quasi notamen, quod nobis vocabulo suo res notas efficiat. Nisi enim nomen scieris, cognitio rerum perit (Isidorus 1985, I: cap. VII).

Uma comparação da publicação integral das *Etimologias* isidorienses na edição algo anterior de Godefroy (uma coletânea de textos gramaticais latinos bastante divulgada em França desde finais do século XVI) parece confirmar que as alterações sejam a responsabilidade do gramático, uma vez que também considera um corte frásico entre *efficiat* e *nisi*:

¶ *Nomen* dictum quasi notamen, quòd nobis vocabulo suo notas efficiat. Nisi enim nomen scieris, cognitio rerum perit (Godefroy 1602: col. 823).

Na divisão do nome em <substantivo> e <adjetivo> que remonta às categorias aristotélicas de <substância> vs <qualidade dependente> (cf. Kemmler 2007: 395) e que, na tradição da *Grammaire générale* teve como precursores mais imediatos o espanhol Francisco Sánchez de las Brozas (cf. Lecointre 1992), bem como em França o abade Girard (cf. Schäfer-Prieß 2000: 139, Auroux 1992: 176) aproveita a distinção propriamente dita, sem aliás fazer uso das demonstrações que se seguem:

Beauzée (1767, I: 264)	Peixoto (s.d: fl. 26 r)
On regarde communément les noms comme un genre qui comprend deux espèces, les substantifs & les adjectifs; & l'on observe que de certains noms substantifs il se forme des adjectifs, comme de <i>roi, royal; de terre, terrestre; &c.</i> Or dans le système des grammairiens qui raisonnent de la sorte le substantif primitif & l'adjectif qui en est dérivé sont également des noms: donc, disent-ils, <i>meus, tuus, suus, &c.</i> formés des génitifs <i>mei, tui, sui, nostri, &c.</i> des Pronoms <i>ego, tu, sui, nos &c.</i> sont aussi des Pronoms.	Olhaõ-se commummente os nomes como um genero que comprehende duas especies, os substantivos, e os adjectivos; e observa-se que de certos nomes substantivos se formaõ adjectivos, como de <i>rei real, de terra, terrestre &c.</i>

Muitas vezes sem seguir à argumentação do gramático francês, o tradutor aproveita de trechos ocasionais, os quais não deixam de estranhar fora do contexto. Assim acontece com os seguintes trechos que na tradução são apresentados como trechos imediatamente seguidos:

Beauzée (1767, I: 278)	Peixoto (s.d: fl. 27 r)
Premierement, on n'a jamais employé notre <i>il</i> & notre <i>elle</i> comme un adjectif joint à quelque nom par apposition; jamais on n'a dit en françois <i>il moi, il je</i> , comme on dit en latin <i>ille ego; ni il homme, elle femme</i> , comme <i>ille vir, illa mulier</i> . Puisque <i>il</i> & <i>elle</i> ne peuvent être joints aux noms par apposition, & que c'est, comme on le verra bientôt, la principale destination des adjectifs; on ne doit donc pas, les regarder comme des adjectifs.	Nunca se diz em francez <i>il moi, il je</i> , como em latim <i>ille ego; {O} ni il homme, elle feme [sic!]</i> , como em latim, <i>ille vir, illa mulier &c...</i>

Beauzée (1767, I: 278)	Peixoto (s.d: fl. 27 r)
Secondement, les noms en anglais n'ont point de genres, & avec raison, puisque les adjectifs y sont constamment indéclinables; cependant il ya un Pronom direct de la troisième personne pour le masculin, qui est <i>hè</i>, <i>him</i>, &. un pour le féminin, qui est <i>shè</i>, <i>her</i>. Il en est en françois comme en anglois de cette distinction: comme toutes sortes d'objets peuvent être à la troisième personne, c'est uniquement pour lever l'incertitude des applications, que l'idée principale du Pronom est modifiée par l'idée accessoire du genre, qui tient jusqu'à certain point à la nature des êtres; & la concordance grammaticale n'y a influé en rien.	Os nomes inglezes não tem generos, e com razão pois que os adjectivos são constantemente indeclinaveis; não obstante tem um pronome directo da terceira pessoa para o masculino que <i>hè</i>, <i>him</i>, e um para o femenino que é <i>shè</i>, <i>her</i>.

Ao passo que o gramático francês deixa claro que pretende esclarecer a diferença que distingue os pronomes pessoais dos adjectivos, a mera reprodução extracontextual destes dois trechos faz com que não se perceba o sentido da tradução.

Beauzée (1767, I: 290-291)	Peixoto (s.d: fls. 27 v – 28 r)
Les <i>Adjectifs</i> sont donc des mots qui expriment des êtres indéterminés, en les désignant par une idée précise, mais accidentelle à la nature commune déterminément énoncée par les noms appellatifs auxquels on les joint. Les noms propres expriment des natures individuelles, que l'analyse n'a pas décomposées, & auxquelles par conséquent la synthèse n'a rien à ajouter: la méthode synthétique n'est chargée que de combiner les idées élémentaires & générales; & voilà pourquoi les <i>Adjectifs</i> ne s'ajoutent qu'aux noms appellatifs. Mais ces <i>Adjectifs</i>, n'exprimant les êtres que d'une manière indéterminée, n'ont un sens décidé qu'autant qu'ils sont effectivement appliqués à quelque nom appellatif, qu'ils supposent essentiellement. Or il n'y a que deux choses qui puissent être modifiées dans la signification des noms appellatifs, savoir la compréhension & l'étendue: de là deux espèces générales d'<i>Adjectifs</i>, que j'appellerai <i>Adjectifs physiques</i> & <i>Articles</i>.	Os <i>Adjectivos</i> são palavras pois que exprimem os seres (etres) indeteminados [sic!] designando os por uma determinada (précise), mas accidental {rasura ilegível} á natureza commum determinadamente enunciada por <os> nomes appellativos aos quaes se lhes ajuntão. Os nomes proprios exprimem naturezas individuaes, que a analyse não tem desconcertado (decomposées), e as quaes por consequente a synthese não tem cousa alguma a ajuntar: o methodo sintetico não esta encarregado senão de combinar as ideas elementares e geraes; e eis-a que por que os adjectivos não se ajuntão senão aos nomes appellativos. Mas estes adjectivos, não exprimindo os entes senão de uma maneira indeterminada, não tem um sentido decidido senão tanto que elles são effectivam[en]te applicados a qualquer nome appellativo, que elles suppoem essencialmente. Ora não ha mais que duas, couzas que possam ser modificadas na significação dos nomes appellativos, saber a combrehensão [sic!] & a extensaõ: daqui duas especies <geraes> de adjectivos, que chamarei <i>Adjectivos phisicos</i>, e <i>Articulos</i>.

Baseado no relacionamento que estas partes têm com os nomes próprios, o trecho trata da divisão dos adjectivos em <Adjectivos phisicos> (ou adjectivos propriamente ditos) face aos <Articulos> (ou artigos). A tradução permite-nos verificar os problemas com os quais o autor estava a lidar no estabelecimento da tradução. Para além de ocasionais gralhas como *indeteminados* ou *combrehensão* o texto conta com omissões (pois falta o termo de **idea* claramente patente em Beauzée (1767, I: 291) «[...] en les désignant par une idée précise [...]»)

ou mesmo com acréscimos no espaço entrelinhas (<os>). Para além disso, ficam testemunhadas as incertezas explícitas e implícitas do tradutor. Assim, observa-se que ele costuma fazer acompanhar a tradução pelo termo francês em parênteses quando obviamente não tem certeza sobre a melhor escolha terminológica. Assim, o termo francês *êtres* é traduzido corretamente por *seres*, mas observa-se mais adiante que o tradutor usa igualmente o termo *entes*. Da mesma forma, Peixoto parece querer justificar a sua escolha em <determinada (précise)> e <desconcertado (decomposées)>. Além disso, ainda se observa o falso cognato *qualquer* por *quelque*, quando seria de esperar uma solução como **algum*.

Sendo o artigo incluído, como já se afirmou, na classe do adjetivo, também os esforços definitórios de Beauzée somente foram retomados de forma muito sumária:

Beauzée (1767, I: 308-309)	Peixoto (s.d: fl. 30 v)
1°. Les individus sont comme les membres du corps entier dont la nature est exprimée par le nom appellatif: or le mot grec <i>αρθρον</i> & le mot latin <i>articulus</i> , tous deux employés ici par les grammairiens, signifient également ces jointures, qui non seulement attachent les membres les uns aux autres, mais qui servent encore à les distinguer les uns des autres. Sous ce dernier aspect, le même mot peut servir avec succès à caractériser tous les Adjectifs qui, [309] sans toucher à la compréhension, ne servent qu'à la distinction plus ou moins précise des individus auxquels on applique le nom appellatif.	A palavra grega <i>αρθρον</i> (art<r>on), e a palavra latina <i>articulus</i> , empregados aqui pelos grammaticos, significão igualmente estas juncturas, que não somente ataõ os membros da oraçaõ uns aos outros, <mas> que servem ainda a destinguilos uns dos outros.
2°. L'un des Adjectifs compris dans cette classe est déjà en possession de ce nom dans les grammaires particulières de toutes les langues où il est usité. On connoît dans notre grammaire l'Article <i>le, la, les</i> ; dans celle des italiens, <i>il, lo, la</i> ; dans celle des espagnols, <i>el, lo, la</i> ; dans celle des allemands <i>der, die, das</i> ; en anglais <i>the</i> ; en grec <i>ὁ; ἡ; το; &c.</i>	Articulos Francezes <i>le, la, les</i> : Italianos <i>il, lo, la</i> . Espanhoes <i>el, lo, la</i> . Alemaës: <i>der, dir, das</i> ; Englezes <i>the</i> en [sic!] grego <i>ὁ; ἡ; το; &c</i>

Na definição do verbo, o tradutor concentra-se precisamente na noção da coexistência entre sujeito e atributo:⁶

⁶ É curioso que a definição que serviu de ponto-chave da definição do verbo (marcado por nós em negritos) em Schäfer-Prieß (2000: 191; 312) não se encontre devidamente aproveitada na tradução. Este texto original de Beauzée (1767, I: 395) reza: «Or c'est précisément l'idée de cette existence intellectuelle d'un sujet avec relation à un attribut, qui fait le caractère distinctif des Verbes, & qui en rend l'usage si fréquent: car il n'y a point de discours sans propositions; point de proposition qui n'exprime un jugement; point d'expression du jugement qui n'énonce un sujet déterminé, un attribut également déterminé, & l'existence intellectuelle du sujet avec relation à cet attribut; par conséquent point de proposition sans Verbe. L'idée de l'existence intellectuelle d'un sujet avec relation à un attribut est donc, non seulement le caractère distinctif du Verbe, mais encore ce qui en fait, entre tous les mots, le *Mot* par excellence, *Verbum*». Na tradução, Peixoto (s.d.: fl. 32 r) aproveita somente o início deste parágrafo: «Ora é precisamente a idea desta existencia intellectual de um sugeito com relação a um attributo, que faz o caracter distinctivo dos Verbos, e que faz o seu uzo taõ frequente...».

Beauzée (1767, I: 402)	Peixoto (s.d: fls. 32 r)
Je n'énoncerois, comme ont fait ces deux écrivains, que l'idée différencielle de l'objet défini, sans toucher à ce que les logiciens appellent le genre prochain: ainsi ma définition ne suffiroit pas pour expliquer tout ce qui appartient au Verbe. Je dis donc que les <i>Verbes</i> sont des mots qui expriment des êtres indéterminés, en les désignant par l'idée précise de l'existence intellectuelle avec relation à un attribut.	Eu (Beauzee) digo pois que os <i>Verbos</i> são palavras que exprimem entes indetremidados [sic], designando-os pela idea precisa da existencia intellectual com relação a um attributo.

Observa-se neste trecho que o tradutor habitualmente escreve <Eu (Beauzée)> quando traduz uma afirmação de uma opinião pessoal do gramático francês. A seguir às considerações seguintes sobre o sistema verbal, o tradutor reproduz os paradigmas verbais do presente, pretérito e futuro, dos quais por razões de espaço apenas analisaremos o relativo ao presente:

			François	Italien.	Espagnol.
Présent	indéfini		<i>je loue,</i>	<i>lodo,</i>	<i>alabo.</i>
		simple	<i>je louois,</i>	<i>lodava,</i>	<i>alabáva.</i>
	antérieur	periodique	<i>je louai,</i>	<i>lodái,</i>	<i>alabé.</i>
	postérieur		<i>je louerai,</i>	<i>lodéro,</i>	<i>alabaré.</i>

(Beauzée 1767, I: 464).

Prezente	indefenido		louvo
		simples	louvava
	anterior	periodico	louvai
	posterior		louvarei.

(Peixoto s.d.: fl. 32 v).

O tradutor respeita a disposição do quadro original, limitando-se a traduzir o texto francês. No entanto, observa-se que, aparentemente não interessado no aspeto comparativo da gramática francesa, Peixoto deixa de lado as formas correspondentes em italiano e espanhol. De forma semelhante, nos três paradigmas seguintes, Peixoto (s.d.: fl. 33 r) volta a respeitar inteiramente a estrutura textual de Beauzée, traduzindo apenas as palavras francesas dos paradigmas da voz passiva do latim.

4. Conclusão

O presente artigo visou trazer à memória um autor esquecido e um manuscrito oitocentista inédito. Conseguimos recordar as principais informações sobre João Albino Peixoto, um açoriano ribeira-grandense que chegou a adquirir uma sólida formação escolar para depois se dedicar a uma vida como pintor, dourador e oficial da alfândega –vida esta que alternava com a atividade cultural de escritor e poeta.

Expusemos alguns dos aspetos mais importantes do manuscrito nas duas partes em que se conserva. Se bem que somente seja uma tradução parcial, julgamos que se trata de um documento linguístico único que merece destaque especial por ocupar-se de um dos monumentos metalinguísticos do século XVIII com o maior impacto na tradição gramatical europeia nesse século como no século seguinte.

Tendo apresentado e analisado as traduções de alguns trechos escolhidos da tradução de Peixoto, sempre em confronto com os respetivos trechos do original francês, podemos afirmar, como resultado, que o tradutor procurou elaborar uma tradição preferentemente literal, ficando, porém, manifestas as ocasionais dificuldades de compreensão e de representação do texto francês que condicionavam o trabalho do jovem João Albino Peixoto e que talvez tenham levado ao facto de este esboço de uma tradução parcial para fins particulares ser mais breve do que o autor talvez tivesse intencionado...

5. Referências bibliográficas

- Auroux, Sylvain (1992): *La catégorie de l'adjectif et les déterminants: l'apport de Beauzée*. In: *HEL* 14, I (L'adjectif: Perspectives Historique et Typologique), 159-179.
- Beauzée, Nicolas (1767): *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, Pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues* (2 vols.). Paris: De l'imprimerie de J. Barbou.
- Cardoso, Simão (1994): *Historiografia Gramatical (1500-1920): Língua Portuguesa - Autores Portugueses*. Porto: Faculdade de Letras do Porto (Revista da Faculdade de Letras, Série Línguas e Literaturas; Anexo 7).
- Enes, Carlos (s.d.): *Peixoto, João Albino*. In: *Enciclopédia Açoriana*. In: <http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=9367> (2010 12 06).
- Figge, Udo (1994): *Sprache dient zum Ausdruck der Gedanken: Zur Geschichte einer Formulierung*. In: Baum, Richard (éd.) (1994): *Lingua et traditio: Geschichte der Sprachwissenschaft und der neueren Philologien: Festschrift für Hans Helmut Christmann*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 651-665.
- Godefroy, Denis (1602): *Avctores latinae lingvae in vnyv redacti corpvs: quorum auctorum veterum & neotericorum elenchum sequens pagina docebit*. S. Gervasii: Apud Iacobum Chouët.
- Isidorus Hispalensis (1885): *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum sive Originum libri XX* (2 vols.). Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay. I-II. Oxonii: e Typographeo Clarendoniano.
- Kemmler, Rolf (2007): *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea (Beihefte zu Lusorama; 1. Reihe, 12. Band).
- (2011): *João Albino Peixoto (1803-1891) - um poeta ribeira-grandense que traduziu Beauzée: Breve estudo biográfico-linguístico*. In: Chrystello, J[osé] Chris (ed.): *Atas/Anais do 16.º Colóquio da Lusofonia (Vila do Porto, Santa Maria, Açores): 30 de setembro a 5 de outubro 2011*, CD-ROM, 182-203.
- Lecointre, Claire (1992): *Omne nomen adjectivum habet suum substantivum: l'adjectif et la constitution de l'énoncé dans la grammaire sanctionnée*. In: *HEL* 14, I (L'adjectif: Perspectives Historique et Typologique), 123-140.
- Le Guern, Michel (2009): *Nicolas Beauzée, Grammairien Philosophe*. Paris: Éditions Honoré Champion (Les Dix-Huitièmes Siècles, 131).

- Peixoto, João Albino (s.d.): *Beausee Grammatica*. Manuscrito em posse particular.
- (1859): *Homenagens a todos os monarchas portuguezes e a outros insignes personagens de um e outro sexo tanto antigos como modernos da casa real: o triumpho da verdadeira religião, producções poeticas escolhidas d'entre outras varias obras ineditas que desde a juventude compos João Albino Peixoto*. Ponta Delgada: Typ. dos Botelhos. (BPARPD, cota JC Var. Açor. Imp. 1/7 RES)
- (1860): *Homenagens a todos os monarchas portuguezes e a outros insignes personagens de um e outro sexo tanto antigos como modernos da casa real: o triumpho da verdadeira religião, collecção que das suas poesias ineditas extrahira João Albino Peixoto*. Ponta Delgada: Typ. dos Botelhos. (BPARPD, cota JC Var. Açor. Imp. 1/8 RES)
- Santos, Maria Helena Pessoa (2010): *As Ideias linguísticas Portuguesas na Centúria de Oitocentos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).
- Schäfer-Prieß, Barbara (2000): *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300).
- (2001): *A introdução da Grammaire générale française em Portugal*. In: Thielemann, Werner (éd.) (2001): *Século XVIII: Século das Luzes, Século de Pombal*. Frankfurt am Main: TFM (Biblioteca Luso-Brasileira; 21), 129-142.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1858-1972): *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*; [a partir do vol. IX: *continuado e ampliado por Brito Aranha*] (23 vols.). Lisboa: Na Imprensa Nacional. Obra reeditada em reprodução fac-similada, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d.